

47

JUCA E CHICO



HISTORIA DE DOIS MENINOS

EM

SETE TRAVESSURAS

POR

W. BUSCH

Versos de FANTASIO

Quarta Edição



LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR 166 — RIO DE JANEIRO

FILIAES

RUA DE S. BENTO 65
S. PAULO

RUA DA BAHIA Nº. 1055
BELLO HORIZONTE

—
1 9 1 1

Todos os direitos reservados.

20495D
1946

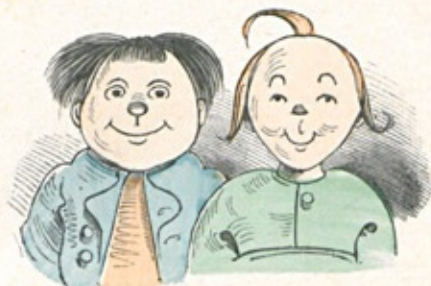


I 200,6,17

087.1
13977.4
1911

Prologo

Não têm conta as aventuras,
As peças, as travessuras
Dos meninos malcriados . . .
— Destes dois endiabrados,



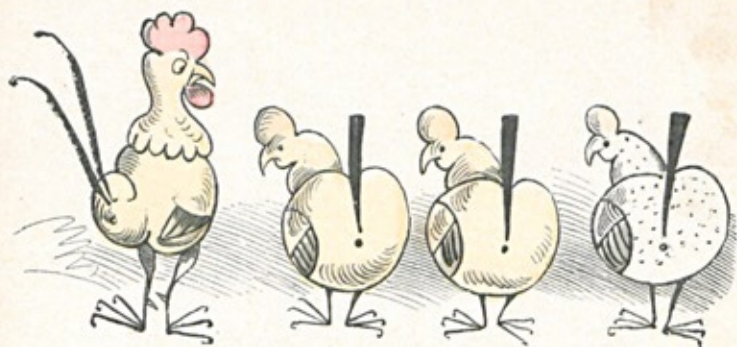
Um é o Chico; o outro é o Juca:
Põem toda a gente maluca,
Não querem ouvir conselhos
Estes travessos fedelhos!
— Certo é que, para a maldade,
Nunca faz falta a vontade . . .
Andar pela rua á tôa,
Caçoar de uma pessoa,
Dar nos bichos, roubar fructas,
Armar brigas e disputas,
Rir dos homens respeitaveis,
São cousas mais agradaveis,
Que ir á escola ou ouvir missa . . .
Antes a troça e a preguiça!
— Mas nem sempre a vadição
Acaba sem punição . . .
Lêde esta historia: e, depois,
Vereis a sorte dos dois.

Primeira travessura

Todos gostam, afinal,
De ter aves no quintal:
As galinhas, bem nutridas,
Põe ovos; quando cozidas
Ou assadas, no jantar,
São gratas ao paladar;
E as suas pennas, catadas,
Servem p'ra encher almofadas
Em cujo macio encosto
A gente dorme com gosto . . .



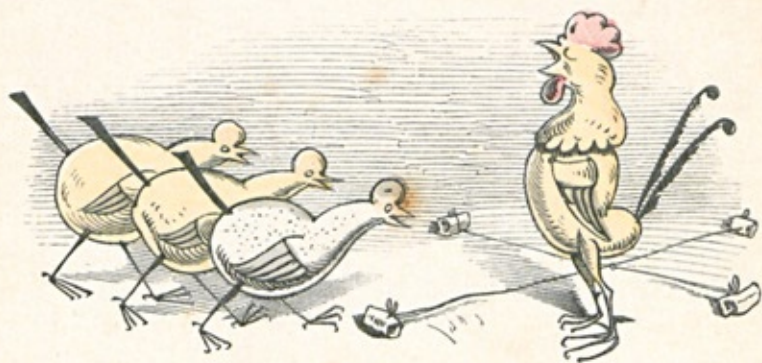
Aqui está a viuva Chaves,
Que também gostava de aves:



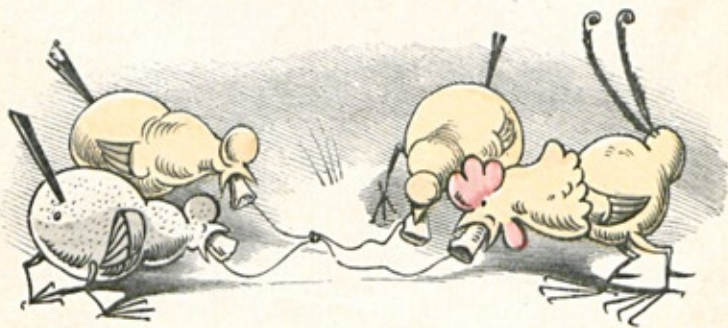
Gallinhas tinha ella tres,
 E um bello gallo francez. —
 Ora, ao Juca, e ao Chico, um dia
 Occorre uma estrepolia.
 — Que fazem os dois madraços?
 Amarram quatro pedaços
 De pão, nas pontas distantes
 De dois solidos barbantes,



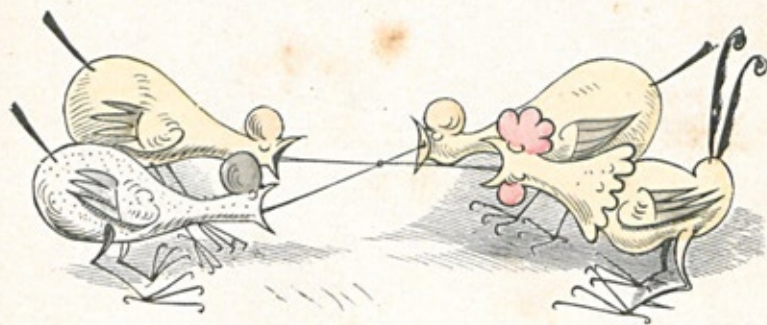
E ao vir a noite, ao sol posto,
 Deixam tudo isso, disposto
 Em cruz, defronte das aves,
 No quintal da viuva Chaves.



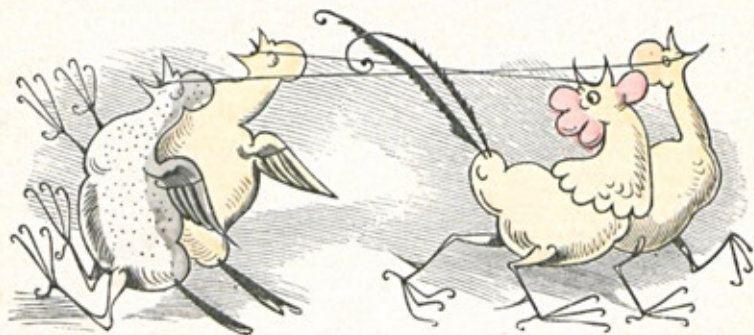
O gallo, rei do quintal,
 — Cócórocó — dá signal:
 Depressa, cacarejando,
 Vêm as gallinhas em bando . . .



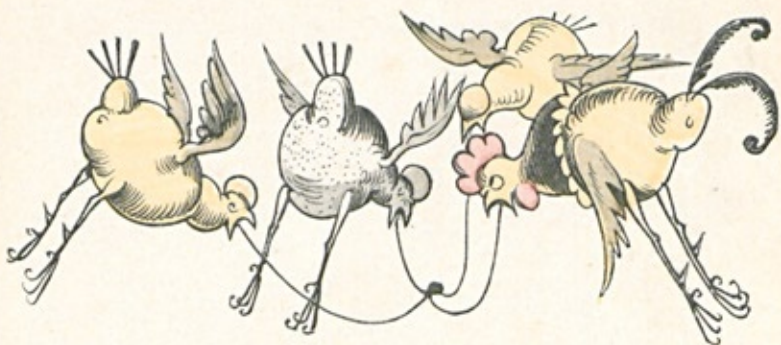
E os quatro, sem reflexão,
 Comem as iscas de pão!



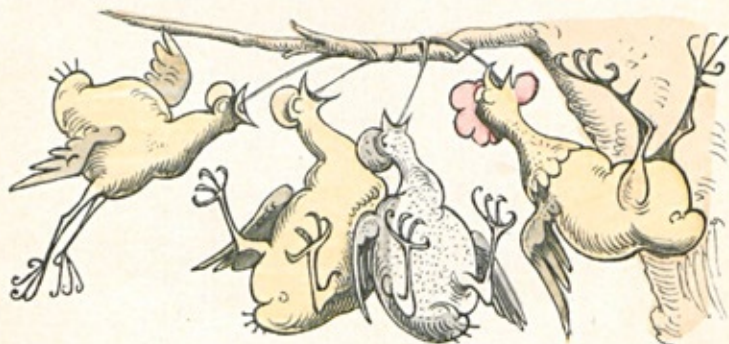
E' tarde p'ra reflectir . . .
Puxam . . . não podem sahir,
Coitadinhos, do lugar!



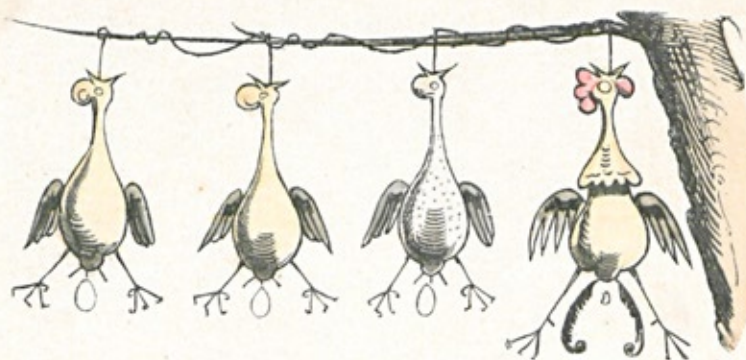
Toca a puxar, a puxar . . .
Porém, quanto mais trabalham,
Mais penam, mais se atrapalham.



Até que, desesperados,
 Vôam, e ficam pegados
 A um galho secco. Que horror!



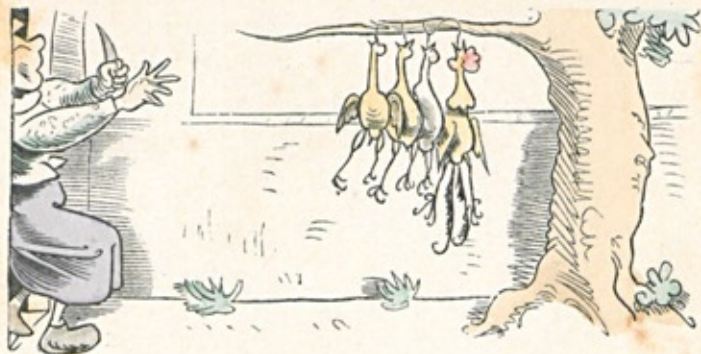
Perdem as forças e a cor;
 Ficam roucos; fazem só.
 Quasi sem voz: quó... quó... quó...



E cada um d'elles, depressa,
Na agonia que começa,
Põe um ovo ainda ao vento,
E exhala o ultimo alento!



Mas a viuva, que dormia,
Ouve os gritos de agonia:



Que presentimento! Sáe...
Chega ao quintal... E diz: « Ai!



« Ai! que amargura! que espanto!
« Corre dos olhos, meu pranto!
« A esperança mais querida,
« Mais bella da minha vida,
« Eu vejo, como um bugalho,
« Pendente d'aquelle galho! »



Afflicta a pobre senhora
 Arranca os cabelos, chora...
 E, por fim, as cordas corta,
 Para que a familia morta
 Não fique dansando ao vento,
 N'aquelle aborrecimento!



— Foi a primeira dos dois...
 Houve outra logo depois.

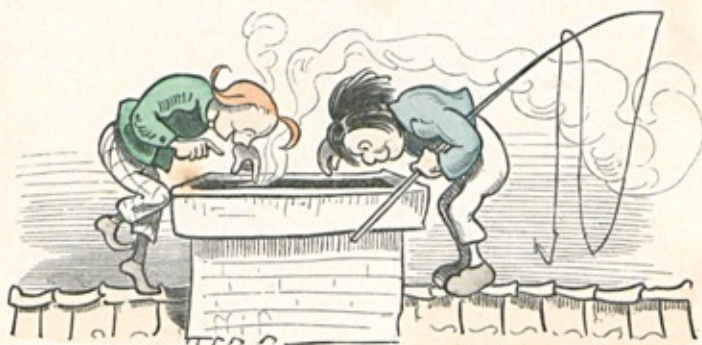
Segunda travessura

Custou... mas enfim á alma
 Da viuva voltou a calma.
 Põe-se a pensar, commovida:
 — « Não posso mais dar a vida
 Aos defuntos que tão cedo
 Se foram d'este degredo...
 Que ao menos possam, assados,
 No estomago sepultados,
 Descansar de tanta magua! »
 — E enchem-se-lhe os olhos d'agua,
 Vendo no fogão, sem pennas,
 Aquellas aves serenas,
 Aquelles entes que, outr'ora,
 Da vida ainda na aurora,
 Ciscavam com ar jovial
 No jardim e no quintal!



Chora a viuva com dó...
 E assiste a tudo o Tóto.

Mas o Juca, lambareiro,
Diz ao Chico: « Companheiro!
'Stá cheirando a frango assado...
Subamos para o telhado! »



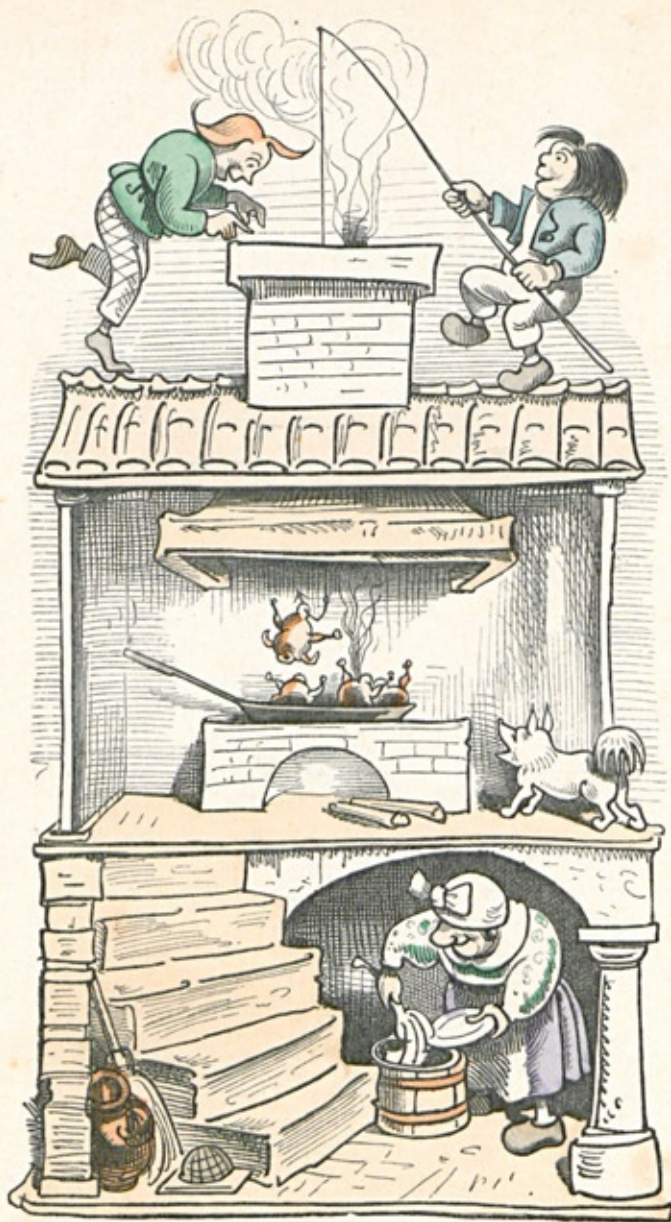
E sobem pé ante pé,
E olham pela chaminé,
E vêem lá embaixo as gallinhas
Sem pescoço, coitadinhas,
Chiando na caçarola...
E que bom cheiro se evola!



Ora, com um prato na mão,
Desce a viuva ao porão.



Vae-se embora; e, sem cautela,
Deixa no fogo a panella.
Junto ao fogão, fica só
O vigilante Tótó.
Se ella visse que perigo!...
— Não se descuida o inimigo:
O Chico, que o prato cheira,
Tira um anzol da algibeira.



E zás! na ponta da linha,
Vem a primeira gallinha...

E desce o anzol outra vez...
 Cá estão duas! cá estão tres!
 Cá está o gallo! — E enquanto isso,
 N'um susto, n'um reboiço,
 N'um presentimento máu,
 Ladrava o cão: áu! áu! áu!



Mas, o crime consummado,
 Já velozes, do telhado,
 Desce o Juca, o Chico desce,
 E vão-se, antes que comece
 A grita da cosinheira,
 Que volta alegre e lampeira,
 E fica pallida e fria
 Vendo a panella vasia:



Vasia!... Foram-se as aves!...
« Totó! » — diz a viuva Chaves —



« Ladrão! de ti vou dar cabo!
Espera, cão do diabo! »



E, com a colher de páu,
 Sóva o cachorro... « Áu! áu! áu! »
 Grita elle, como o hollandez,
 Pagando o mal que não fez.



E os culpados da acção feia
 Dormindo, com a pança cheia,
 — Tão cheia que se relaxa,
 Tão cheia que quasi racha!...

Foi a segunda dos dois...
 Houve outra logo depois:

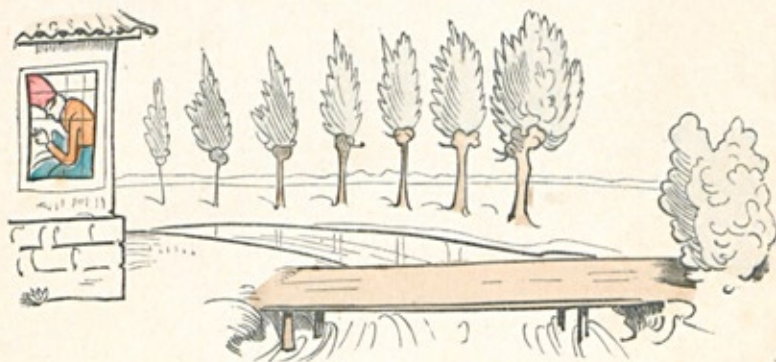
Terceira travessura

Havia um homem na aldeia,
Alfaiate de mão-cheia.



Jaquetas para o serviço,
Fraques de bolso postiço,
Calças, roupas domingueiras,
Colletes com algibeiras,
Paletós saccos de alpaca,
Rabona ou sobrecasaca,
Blusa, capa, sobretudo,
Casaca de rabo, — tudo
Sabia fazer com arte
O alfaiate Braz Duarte.
Roupas velhas concertava,
Diminuia, alargava;
Se aparecia um rasgão,
Ou se cahia um botão
De diante ou de detraz,
Vinha com a agulha o Braz,
Enfiava-a, dava um ponto,
Dava uma laçada e... prompto!

De sua casa defronte,
 Havia um rio: uma ponte
 De taboas o atravessava.
 A água espumava... estrondava...



O Chico e o Juca engendraram
 Nova maldade: serraram



Raque... raque... a ponte estreita,
 E foram se pôr á espreita.

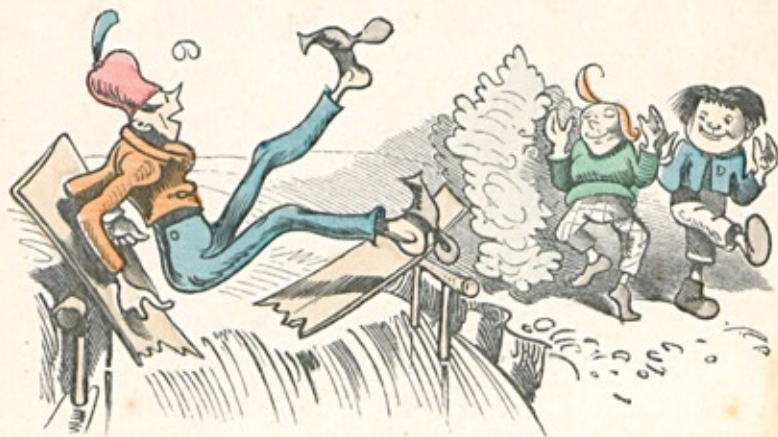
Depois, n'uma gritaria:
« Cosedor de fancaria!



« Sae, alfaiate caipora!
« Cara de bode! p'ra fóra
« Mé! mé! mé! » — Ora o coitado,
Que tudo soffre calado,
Apenas soffrer não póde
Que o chamem cara de bode...



Empunha o covado... A' ponte
Voa, escutando defronte,
Os dois, de uma moita ao pé:
« Cara de bode! mé! mé! »



Chega á ponte. Mas... traráque!
Quebra-se a taboa. Que baque!



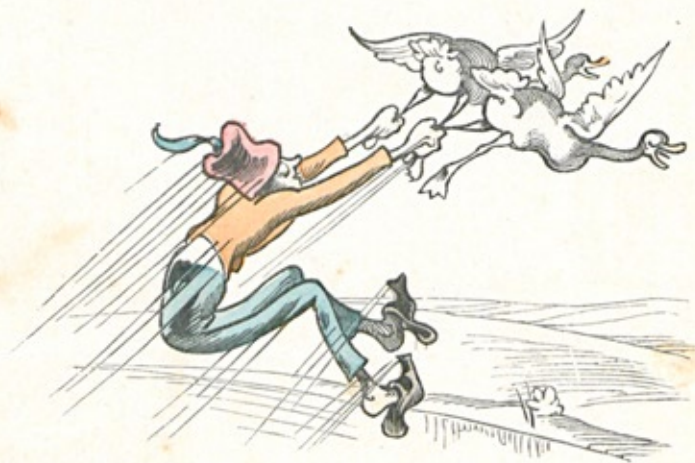
E os dois: « mé! mé! mé! » e Braz
Bumba! n'agua... Catapraz!



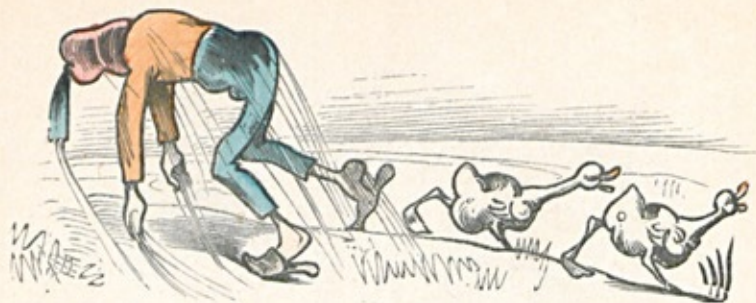
Eis justamente que um par
De gansos vêm a nadar...



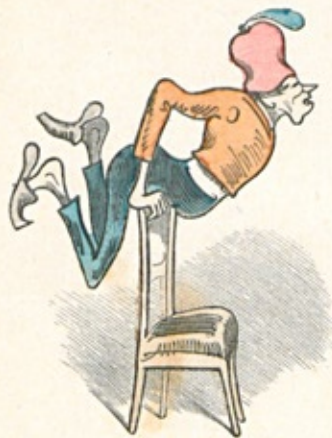
O Braz, p'ra não ir á garra,
Às pernas d'elles se agarra,
Às pernas d'elles se aferra,



E vae voando p'ra a terra.



Mas viajar d'essa maneira,
 Não podem que é brincadeira...



O pobre do Braz que o diga:
 Que horrenda dor de barriga!



Porém, por felicidade,
 Tinha grande habilidade
 A esposa de mestre Braz:
 Pegou do ferro, e zás-tráz!
 Deu-lhe uma engominação forte,
 E o Braz escapou da morte.



Foi a terceira dos dois...
 Houve outra logo depois:

Quarta travessura

Na vida, para homem ser,
 Não basta aprender a ler:
 Porque também é preciso,
 Além do *abc*, o juízo,
 Não basta saber sommar,
 Dividir, multiplicar:
 Para ter calma e medida,
 E andar com geito na vida,
 Também é preciso, penso,
 Tomar lições de bom senso...



Para isto, existe na aldeia
 O senhor Mestre Gouveia,
 Que, além de mestre escolar,
 E' sacristão do logar:
 — Mas os nossos dois vadios
 De todo o estudo arredios,
 Sempre preferem á escola
 A travessura e a graçola

Só tinha um vício o Gouveia.
 Mas não era cousa feia:
 Era o cachimbo. Accendia,
 Depois do labor do dia,
 Não um modesto cigarro,
 Mas um cachimbo de barro,
 E tinha sonhos affaveis...
 — Chico e Juca, infatigaveis
 Na sua perversidade,
 Armaram nova maldade.



N'um domingo, o sacristão
 Estava, por devoção
 Á missa, na igreja calma,
 Tocando o orgão com alma...

Os dois, que não perdem vasa,
Vão do mestre-escola á casa.



Segura o cachimbo o Chico;
E dentro do traste rico
O Juca, bicho damninho,
De um pesado polvarinho,
Toda a polvora despeja...
— Badala o sino da igreja.
Agora, tóca a fugir,
Que o mestre não tarda a vir!



Na igreja, a missa findara.
Gouveia a porta fechara,

E vinha, com modos graves,
Com as luvas, o livro, e as chaves.



Chegou. A roupa mudou,
Da prateleira tirou



O seu cachimbo adorado,
E disse, refastelado:



« N'este mundo não ha nada
Melhor que uma cachimbada! »



Bum! com medonho estampido
Vôa o cachimbo partido!
Copo, mesa, cafeteira,
Tinteiro, fogão, cadeira,
Roupas, livros escolares,
Vae-se tudo pelos ares!

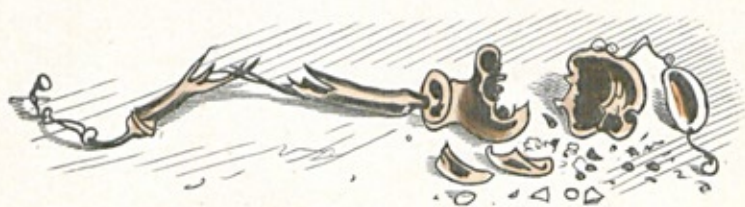


Ao dissipar-se a fumaça,
 É que se vê a desgraça...
 Vive o sacristão, coitado!
 Mas santo Deus, em que estado!



Queimada pela raiz
 A cabelleira; o nariz,
 A bocca, o queixo pontudo,
 Olhos, dedos, mãos, e tudo,
 Tudo assado, tudo fusco,
 Tudo cheirando a chamusco!

Quem agora, ó Providencia,
Ha de servir á Sciencia?
Quem ha de, na igreja calma,
O grande orgão com alma
Durante a missa tocar,
E o *Te-deum* acompanhar?
E como é que ha de o Gouveia
Cachimbar depois da ceia,
Se o pobre cachimbo seu
Já foi cachimbo, e... morreu?!



Foi essa a quarta dos dois...
Houve outra logo depois:

Quinta travessura

Meninos! quem tem um tio
 (Eu já tive um e perdi-o!)
 Deve trazel-o amimado,
 E ter com elle cuidado,
 E estar sempre ao seu serviço,
 Porque os tios gostam d'isso.
 — De manhã, deve saudal-o,
 Dar-lhe *bom dia*, abraçal-o,
 Pedir-lhe as ordens, e logo
 Trazer-lhe o cigarro, o fogo,
 O chocolate, os jornaes,
 O leite, o café, e o mais.
 — Quando elle nas costas sente
 A comichão inclemente,
 Deve coçal-o o sobrinho,
 E esfregal-o com carinho,
 E aturar-lhe toda a birra;
 E dizer, quando elle espirra:
Dominus-tecum! — Emfim,
 Ao tio, assim como assim,
 Custe lá o que custar,
 Deve o sobrinho agradar.

Nem todos sabem, porém,
 Preferir ao mal o bem:
 Armaram-se o Juca e o Chico
 Contra o tio Frederico.

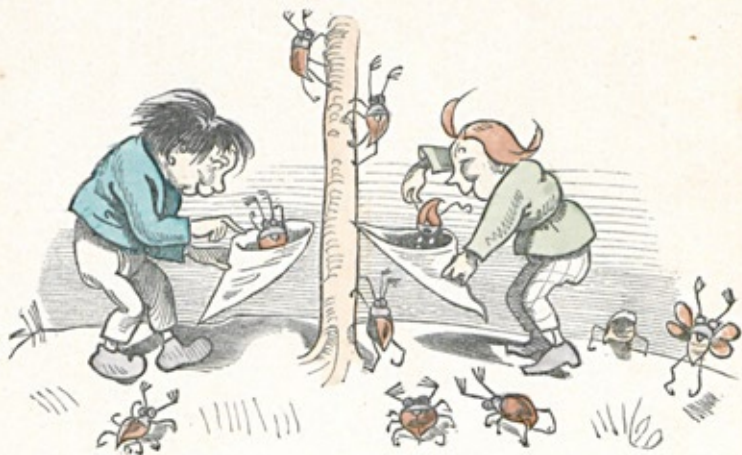
Sabeis que o besouro é insecto
 Que sempre, esperto e inquieto,
 Pelas arvores, á tôa,
 Corre, anda, vôa e revôa...



Os dois patifes, um dia,
 Vão á horta: a ramaria



De uma mangueira sacodem,
 E quantos besouros podem

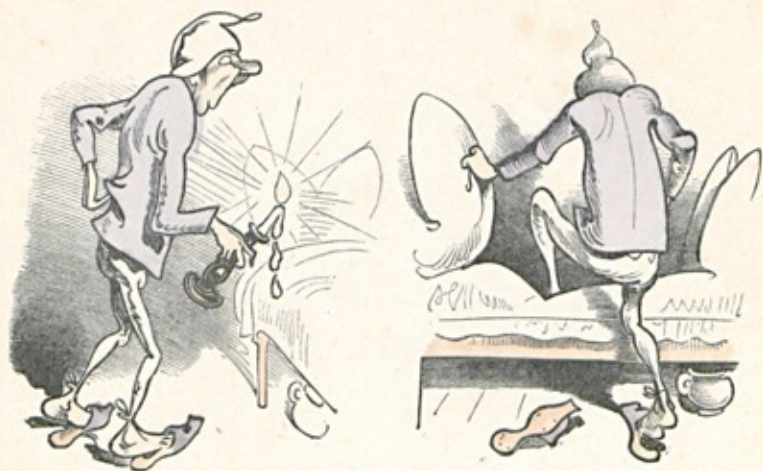


Apanham dos mais gorduchos,
Mettendo-os em dois cartuchos;

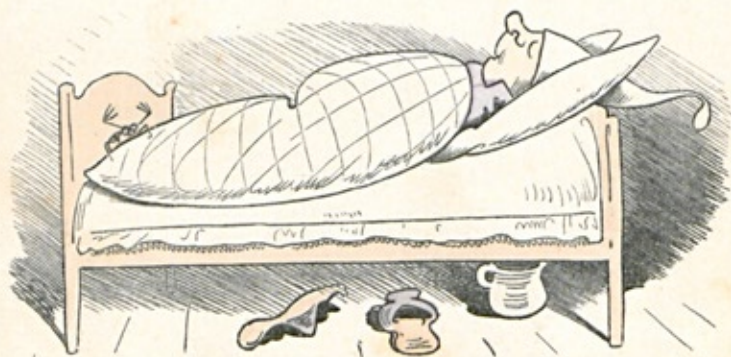


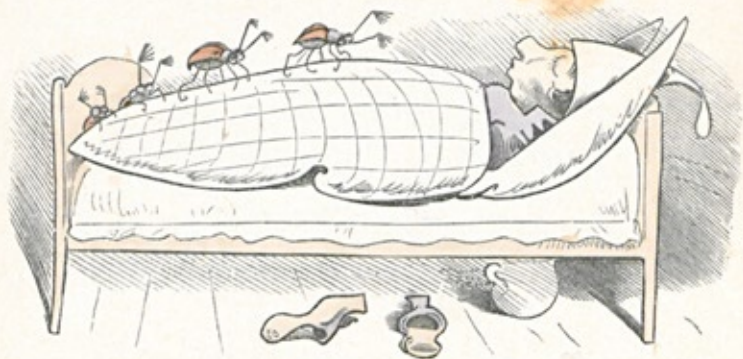
E vão — que lembrança aquella!
Escondel-os com cautela
Sob o lençol alvadio
Da cama do pobre tio.

KOYS D
1946



Ahi chega da cama o dono,
 Tonto, cahindo de somno;
 Sopra a vela bocejando,
 E, a carapuça enfiando,
 Accommoda-se á vontade,
 E dorme como um abbade...





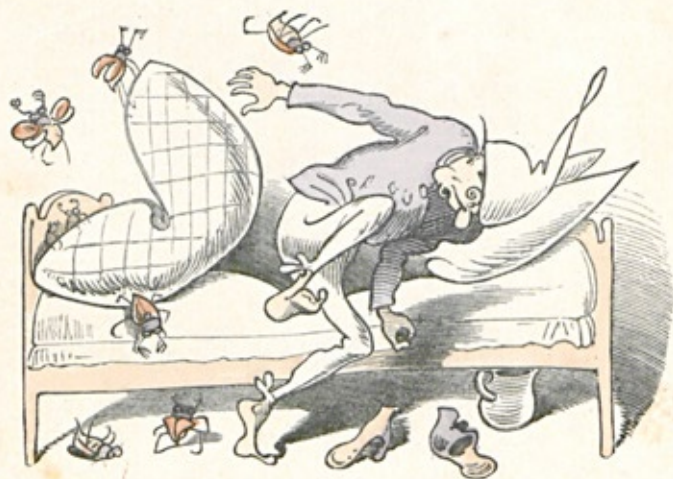
Mas, zim! zum!... que multidão
 De insectos sae do colchão,
 Um a um, com passo incerto!
 — Um delles, agil e esperto,



Chega á cara do infeliz,
 Bem na ponta do nariz...



« Irra! que é isto?! » — acordado,
Grita o tio horrorizado.



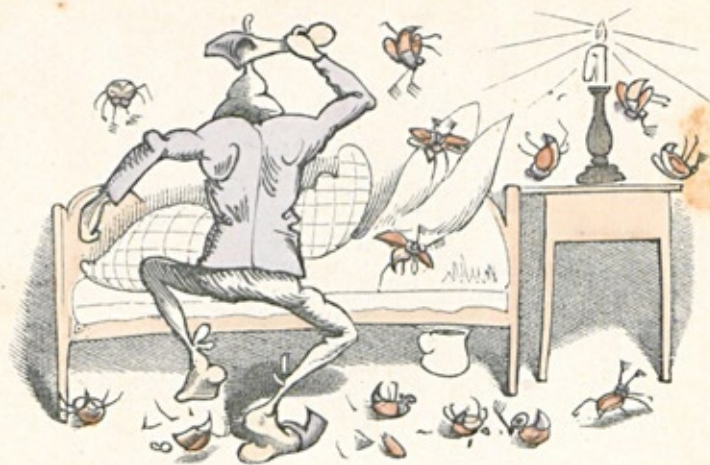
Pega o bicho, e dá um salto
Da cama, num sobresalto...



« Ai! ai! » E começa a guerra:
 Um bicho as pernas lhe ferra,
 Um por baixo, outro por cima!



E elle grita e se lastima,
 De besourós atacado
 Por um e por outro lado.



Tambem, quanto assassinato!
Que estrago! que desbarato!



Pula o tio, sapateia,
Dá de braços, esperneia.
Fica o chão ensanguentado,
De cadaveres juncado:



E o vencedor desse povo... | Foi essa a quinta dos dois...
 Pega no somno de novo. | Houve outra logo depois:

Sexta travessura

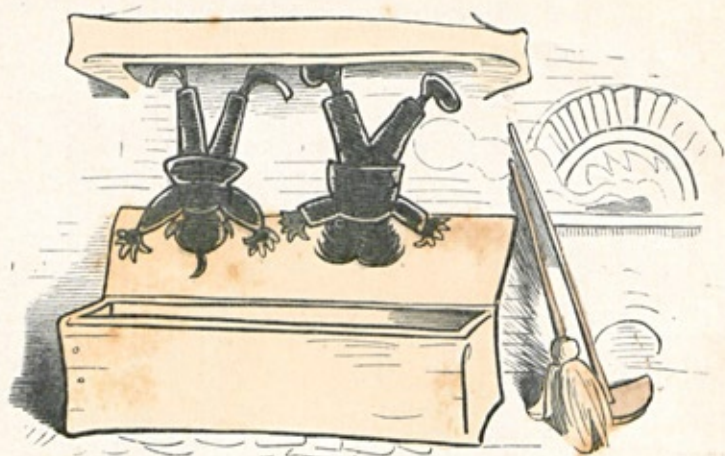
Chegou a Semana Santa.
 Ha tanta encomenda, tanta
 Que andam tontos e ligeiros
 Padeiros e confeiteiros...



E o Juca e o Chico namoram
Os doces, e quasi choram.
Mas, como entrar, se, matreiro,
Fechára a porta o padeiro?



Só ha um meio. Qual é?
Entrar pela chaminé!



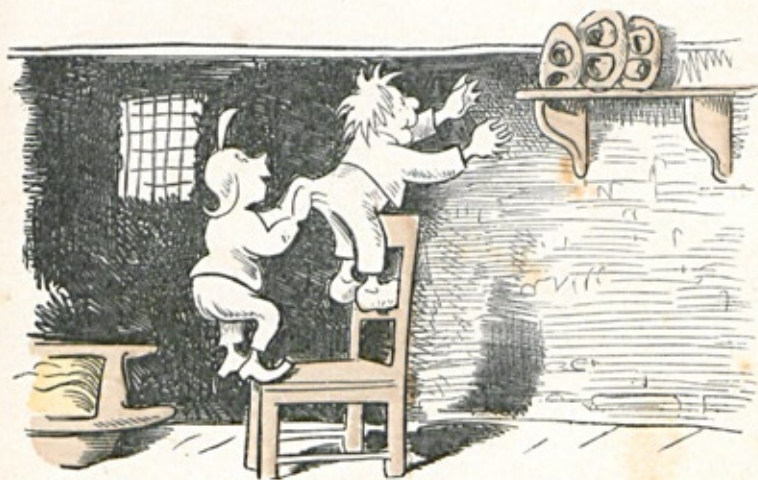
Tudo depende de geito...
 E, prompto! foi dito e feito!
 Vêm os dois num trambolhão,
 Mais pretos do que carvão.



Mas, paf! — ó sorte mesquinha!
 Caem dentro da farinha.



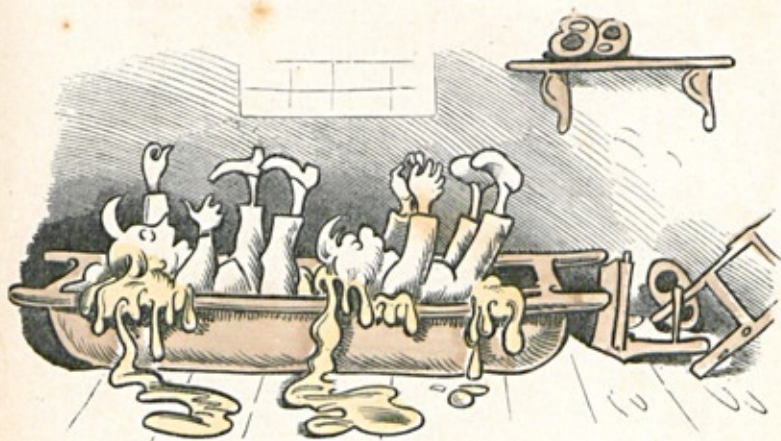
E eis-os, dos pés ao nariz
Todos brancos como giz,



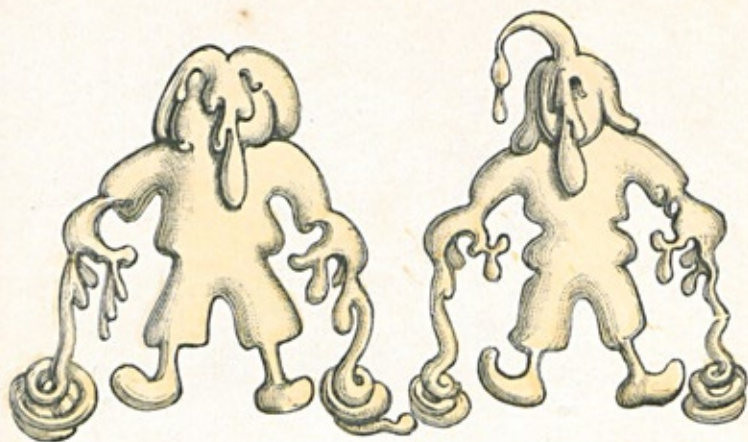
Atirando-se gulosos
Aos biscoitos saborosos.



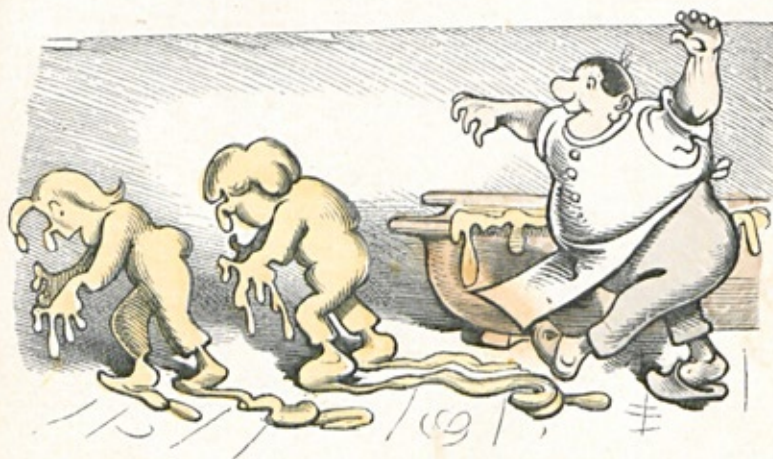
Zás-tráz! parte-se a cadeira!
Vem a penca lambareira,



Por cumulo da desgraça,
Mergulhar dentro da massa!



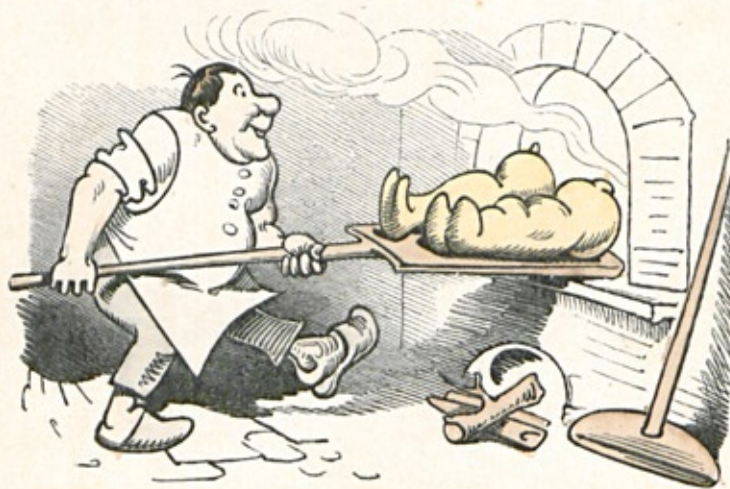
Vejam só que cataplasmas!
Até parecem fantasmas!



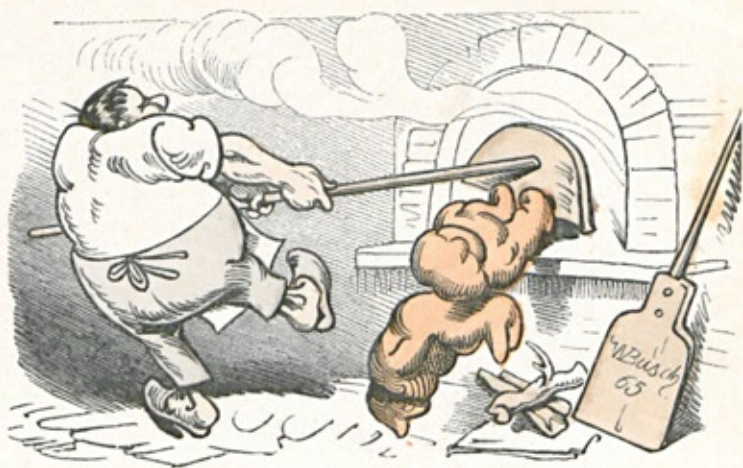
E entra o padeiro... É agora!
Sou a ultima hora!



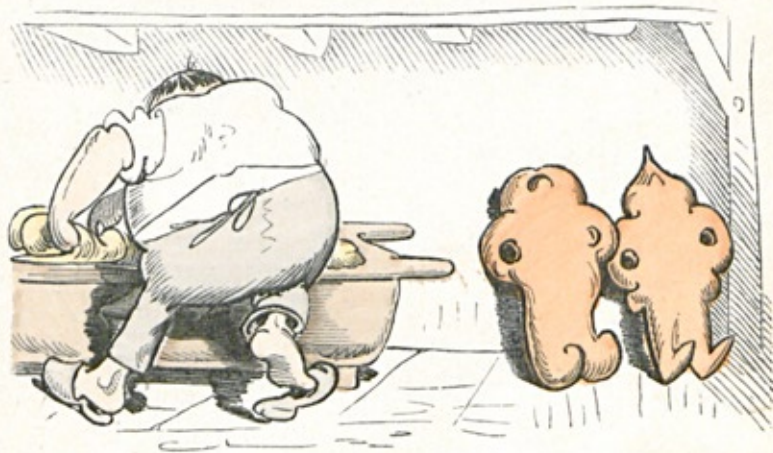
E como que por encanto
Transformam-se em pães, — enquanto
O Diabo esfrega um olho, —
Um pimpolho e outro pimpolho.



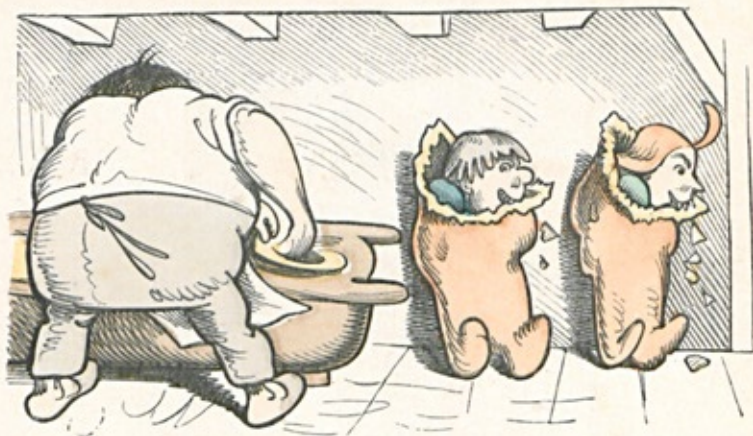
Eia! ao forno para assar!
Ninguém os póde salvar...



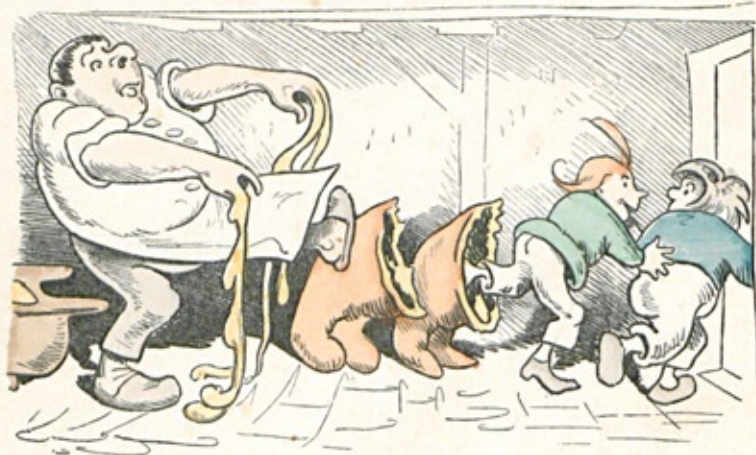
E ahí estão dois pães acabados,
Cheirosos, louros, tostados.



« Era uma vez! afinal... »
Dirão todos. — Porém, qual!



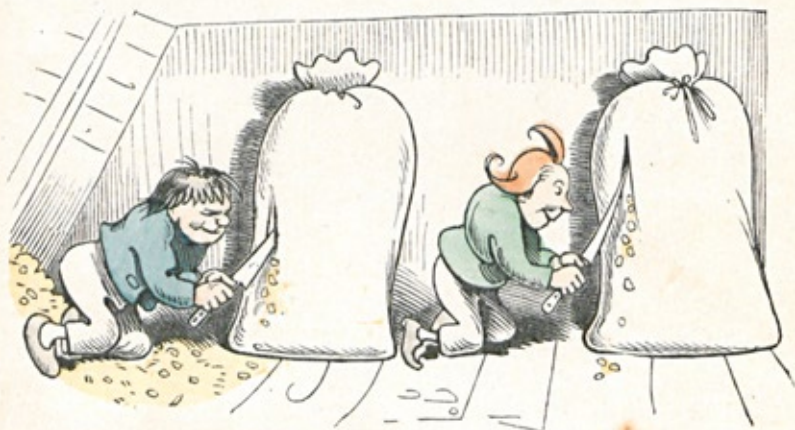
Rap... rap... Os dois diabinhos,
 Como dois ratos damnhinhos,
 Roem a casca de pão,
 E safam-se da prisão.



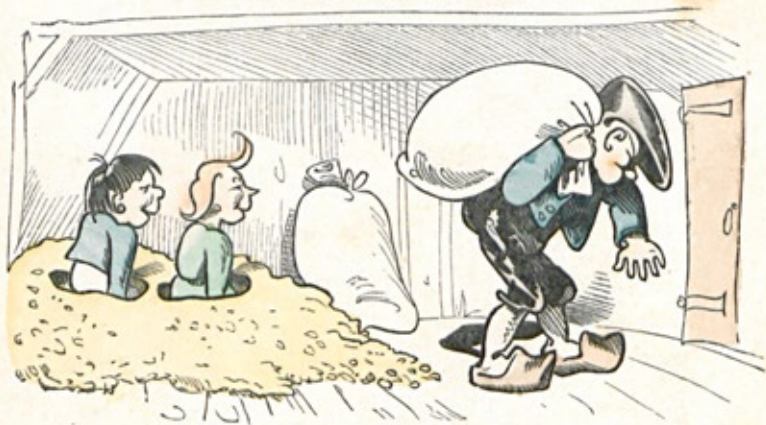
Foi essa a sexta dos dois...
 Houve outra logo depois:

Ultima travessura

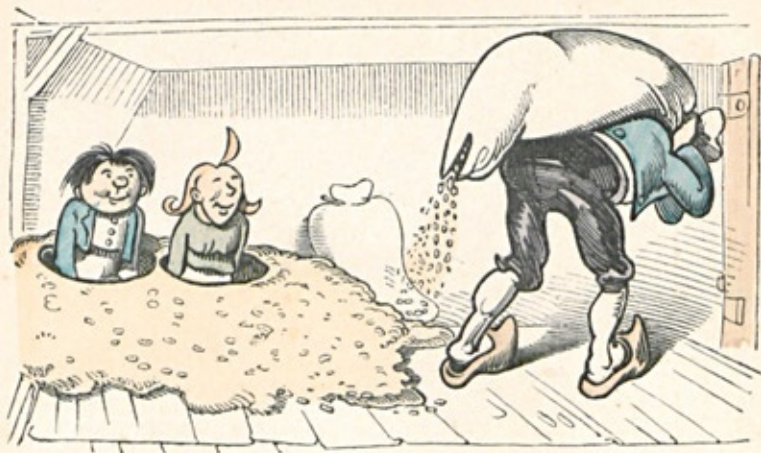
Ai de ti, ó sucia arteira!
Vae ser esta a derradeira!



Tambem, porque é que nos saccos
Foram abrir dois buracos?...



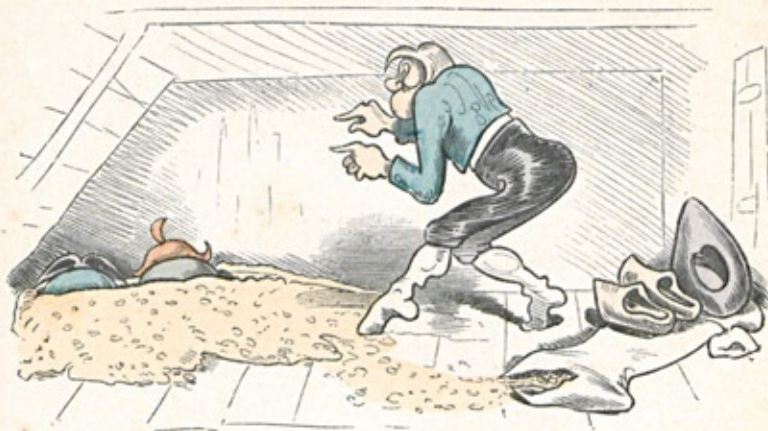
Ahi vem o dono do trigo,
E leva os saccos consigo.



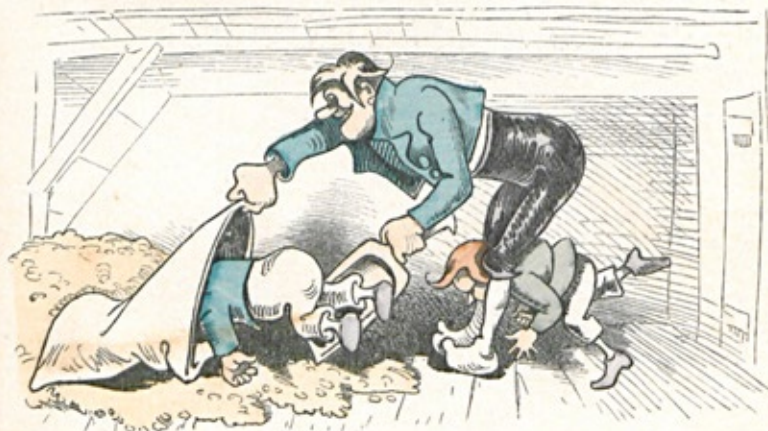
Porém, mal começa a andar,
Começa o trigo a escapar...



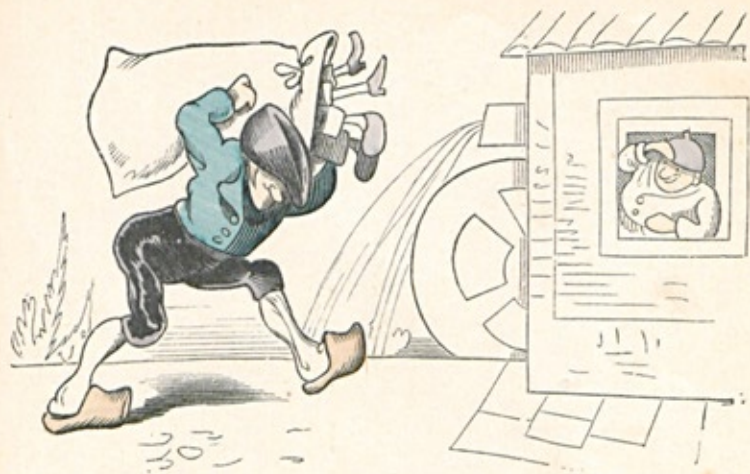
E elle: « Oh diabo! este sacco
Deve ter algum buraco! »



E volta-se: e num instante
Apanha os dois em flagrante.



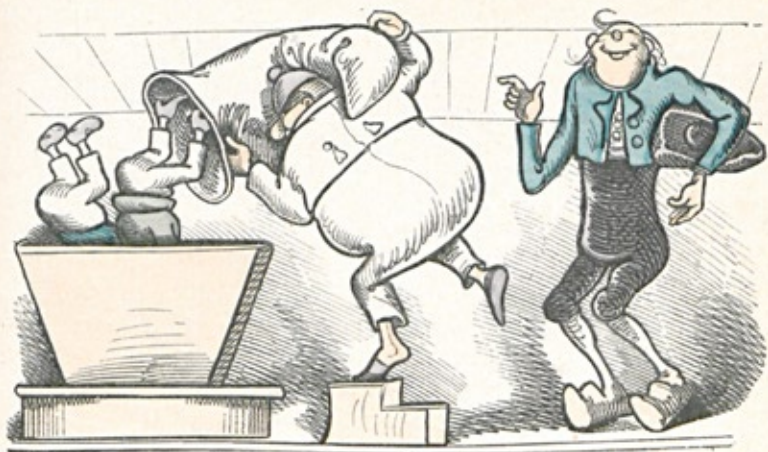
« Olá! que boa colheita!
Não me escapaes desta feita! »



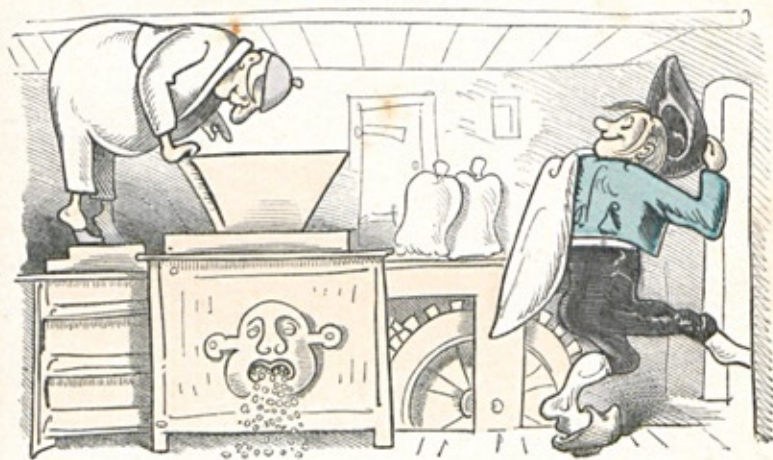
Lá vão elles, a caminho
Da morte... isto é: do moinho.



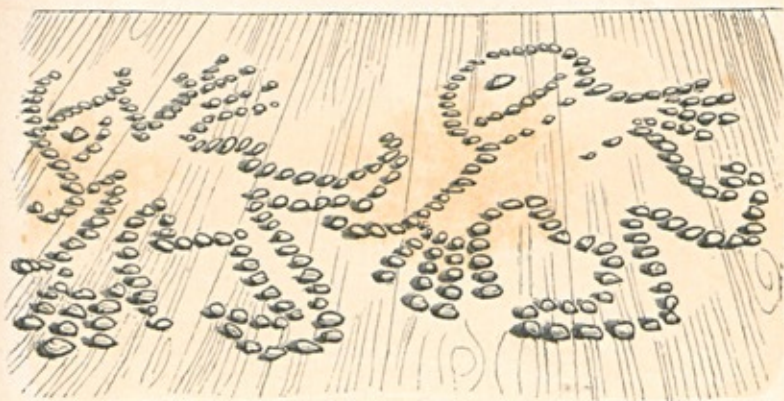
— « Mestre moleiro, bom dia!
« Trago-lhe a mercadoria
« Mais cara que ha no mercado!
« Quero isto já bem passado!



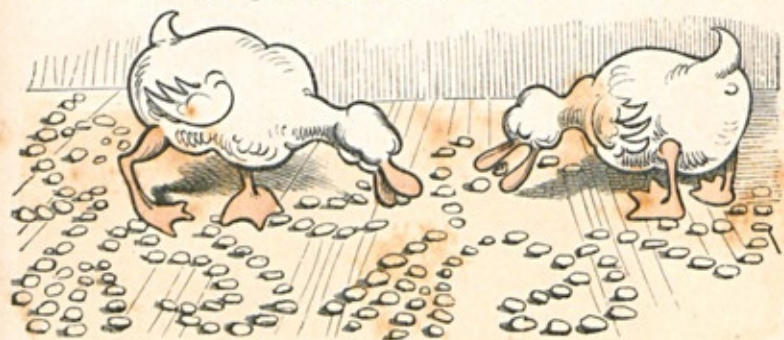
« Quero isto já bem moido! »
 — « Pois não! já vae ser servido! »



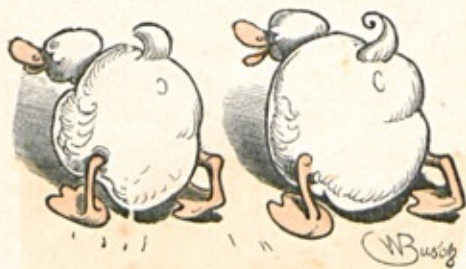
Raque... raque... a trabalhar,
 Põe-se o moinho a rodar...



E ahí tendes os dois meninos,
Em grãos tão finos, tão finos,



Que são logo devorados...
— E os dois gansos esfaimados



Nunca em toda a sua vida
Viram tão boa comida!

Conclusão

Quando se soube a noticia,
Não se abalou a policia;
Ninguem os dois lamentou
Na villa; ninguem chorou.
Recordando as suas aves,
Murmurou a viuva Chaves:
« Eu logo vi... » — O alfaiate,
Dando a uma calça o remate
Suspirou: « Fez-se justiça! »
— O mestre, adjudando a missa,
Setenciou: « A maldade
Não tem o fim da bondade... »
— O bom tio Frederico
Disse: « Meu Juca! meu Chico!
« A vadiação não faz lei...
« Bem que eu vos aconselhei! »
— « Bem feito! » disse o padeiro;
E, indifferente, o moleiro:
« Eu cá fiz o meu serviço!
« Não tenho nada com isso... »
— Em summa, por toda a villa,
Livre dos dois e tranquillia,
Reinou a paz afinal...
Mais nada. Ponto final!
